



CÍRCULO DE ARTE

REVISTA

PROVOCAÇÕES URBANAS

ISSN 2447-2565

Nº 03 - 2017





APRESENTAÇÃO

Provocações Urbanas é um evento de arte interdisciplinar de rua promovido pelo Eranos Círculo de Arte de Itajaí/SC, que em 2017 aconteceu nas ruas das cidades de Itajaí e Balneário Camboriú. Esta revista é o registro das ações do evento sob a ótica dos artistas participantes, Cirquinho do Revirado (Criciúma), Circo Pirata Show (Balneário Camboriú), Karma Cia de Teatro (Itajaí), Osmar Domingos (Itajaí), Leandro Maman e Sandra Coelho (Eranos Círculo de Arte - Itajaí) e o Sexteto Internacional ganhador do prêmio Iberescena 2017 de Teatro lambe-lambe 'Instantes de Passagem' das Cias: Gabriela Clavo y Canela (Argentina), Cia Mestre Lunas (Chile) e nós do Eranos Círculo de Arte (Brasil).

O evento em Itajaí aconteceu de 02 a 08 de agosto de 2017 no calçadão da Rua Hercílio Luz e contou com o patrocínio da Fundação Cultural de Itajaí e Prefeitura Municipal de Itajaí, através do Edital de Eventos Comunitários.

Em Balneário Camboriú ocorreu de 10 a 16 de agosto de 2017 em diversos pontos da cidade, e contou com o patrocínio da Fundação Cultural de Balneário Camboriú e Prefeitura de Balneário Camboriú através do Edital de Eventos.

O evento chega em sua terceira edição, reafirmando seu propósito de levar (e retomar) ao espaço urbano a arte em suas diversas manifestações. A arte como uma atividade urbana para (e com) a pluralidade dos cidadãos da polis. O urbanismo e as ruas como campo válido de experiências de sensibilização à patologia e a beleza do que está a nossa volta, especialmente em tempos onde a arte sofre grandes abalos do poder público. Entendemos que as cidades, originalmente são espaços de convívio humano, um espaço onde o corpo vive e se move e onde uma teia de relações é tecida. As ações do Provocações Urbanas tem um caráter provocativo porque interferem neste cenário, o compreendem como parte imprescindível da obra, mas mantém a liberdade do transeunte de participar/contemplar a ação ou seguir em frente. Provoca a participação, indiferença, a reflexão, o estranhamento, a angústia, a antipatia ou o encantamento.

As Provocações Urbanas são ações focadas no encontro. Acreditamos na força das imagens que são construídas nas ruas, sejam elas construídas com poucas ou muitas pessoas, por pouco ou muito tempo. As luzes não se apagam para o espectador na rua e nenhum sinal é dado para que o silêncio aconteça, porque o espectador e o ator na rua estão no mesmo plano, dividem e interagem no mesmo palco.

*Equipe de produção - Provocações Urbanas
João Freitas, Sandra Coelho e Leandro Maman
Outono de 2017*

SUMÁRIO

CIDADE E ALMA 06
Sandra Coelho (Eranos Círculo de Arte)

JÚLIA 10
Luan Marques Joaquim (Cirquinho do Revirado)

DESVIA 14
Pietra Garcia (Karma Cia de Teatro)

GARILHANDO 18
Caroline Voltolini e Emanuel Delgado (Circo Pirata Show)

FALHAR EM PÚBLICO 22
Osmar Domingos

INSTANTES DE PASSAGEM 26
Cia Mestre Lunas, Gabriela Clavo y Canela e Eranos Círculo de Arte

POR ONDE ANDEI 34
Leandro Maman (Eranos Círculo de Arte)

CIDADE E ALMA

Texto e Performance: Sandra Coelho
Eranos Círculo de Arte

Quando fiz a ação de rua Cidade e Alma estava na 36ª semana de gestação, a espera do meu Caetano. Pensar uma performance nova é sempre um movimento de buscar relação com minhas ações pregressas e de algum modo, dar sequência a minha pesquisa de performance e rua. Porém, nesta ocasião, me encontrava bastante sensibilizada, em um estado diferente dos anteriores e me autorizei a fazer algo diferente, mais introspectivo. Considerando o fato de estar gestando uma criança, comecei a pensar de que forma elas se relacionam e existem dentro das cidades. Imaginei as ruas como grandes telas de desenhos, filmes monocromáticos, em como é ser pequeno e transitar pelas ruas, ser levado, conduzido, e de como este estado é transitório, pois logo as crianças crescem e se transformam nos adultos que ali estarão alimentando este imenso caldeirão de cimento. Também pensei na relação orgânica que as crianças tem com o chão, e de como nas cidades isso praticamente inexistente.

Considere o fato de estar com menos mobilidade, mais lenta, mais ligada a terra, ao mínimo movimento e criei uma ação que aconteceu no chão. Me dispus sentada, tal qual uma criança espontaneamente o faz e comecei a desenhar imagens simples com farelo tingido (preparado semanas antes) buscando similaridade com os traços infantis. Utilizei quatro diferentes tipos de desenhos, feitos em impressora 3D especialmente para esta ação. Escolhi o centro de Itajaí e Balneário Camboriú para fazer os desenhos em função de terem maior trânsito de pessoas e também por fazerem parte da minha história como Performer.

O nome Cidade e Alma remete a um livro e a um conceito de James Hillman (1993) que leva a reflexão psicológica para além dos limites dos consultórios dos analistas. James dessubjetiviza

o enfoque puramente ecológico do mundo, e inclui a urbanidade como campo válido de experiências humanas e busca a sensibilização para o que nos cerca em todos os espaços públicos que estão a nossa volta. A alma do mundo e a alma do homem. Saí da clausura do meu outro fazer (Psicologia), me apropriei desse conceito (ou dessa forma de reflexão), e adentrei as ruas munida de um fazer lúdico e efêmero.

Desenhei e colori a os cantos de algumas ruas, criei contornos, paragens, rabiscos. Dialoguei com curiosos. Fui olhada de cima, ignorada, admirada, questionada, fotografada, elogiada e também não-vista. Este é um script conhecido de quem é artista de rua. Me apropriei das ruas, dos elementos que dispunha, do movimento delicado, da minha criança interior e criei cenários que em pouco tempo se foram com o vento.

As ruas das cidades é onde me sinto mais livre, é onde meu fazer artístico encontra diálogo e onde, por mais insólito que ainda pareça a linguagem da Performance, encontro sensibilidade e compreensão. Mais do que um conceito ou uma ideia, a Performance é um ato político. Estar na cidade numa ação não comercial, devotada a arte é uma forma de resistência, de contra-fluxo. Nas cidades que estão a serviço das relações comerciais, do trânsito, que ditam os ritmos, as direções, onde cortam-se árvores e plantam-se prédios, a arte mais do que nunca, se faz necessária e vital.

HILLMAN, J. *Cidade e Alma*. Studio Nobel, São Paulo. 1993.





JÚLIA

Texto: Luan Marques Joaquim

Performance: Reveraldo Joaquim e Yonara Marques

Grupo de Teatro Cirquinho do Revirado

O Grupo de Teatro Cirquinho do Revirado vive há vinte anos exclusivamente do fazer teatral. Atualmente isso já é um ato de resistência, como vários outros que ocorrem por todo Brasil, visto a maneira como a arte vem sendo tratada pelos representantes dos poderes públicos. Resistir, no nosso caso, foi naturalmente encontrar na rua o local de fala onde poderíamos atingir uma pluralidade maior de público e, no momento em que isso nos chega com mais ênfase, surge Júlia.

Um dos obstáculos a serem ultrapassados nos debates sobre gênero diz respeito à linguagem, e, dentro disso, à maneira como a língua portuguesa interfere na criação de práticas para lidar com o tema. Nesse sentido a peça ganha uma nova função dentro do que é discutido a nível ideológico e filosófico hoje pelo mundo inteiro. Um novo prisma dentro de todos os debates que já passaram por este universo. Júlia, ao mesmo tempo em que inverte a relação do opressor e oprimido, tornando o homem da relação o que sofre nas mãos da mulher, traz à rua o gramelô, uma nova língua, criada em sala pelos atores e o diretor da peça Pepe Sedrez, e que oferece ao público uma materialidade sonora diferente.

Ter esses dois elementos na rua é extremamente necessário para a conservação do abstrato, do ilógico, do reverso, do que não cabe ao senso comum acreditar, porque a partir do momento em que o público acredita em Júlia, o público se engana. Não pelo que ela representa como minoria, excluída, mostra, mas pelo que ela pode vir a fazer caso arrebate no público as novas informações que traz. Júlia conserva sua posição para que existam mais pessoas revertendo ordens e criando gramelôs sociais, pois não cabe somente aos artistas a mudança que se faz necessária nesse momento de covardia ideológica.

Na rua passa rico, passa pobre, branco negro, gay, hétero, trans, mulher, morador de rua, empresário,

vendedor, engraxate, artista, policial, e todos podem parar ou não para assistir a uma peça de teatro. É um momento de escolha, no qual você pode parar ou continuar caminhando. Mas a questão é que você não precisa pagar um ingresso ou não para ir a um lugar fechado com cheiro de pano para assistir teatro, o teatro foi até você.

Para nós, Revirados, a arte tem que interferir na pessoa, um olhar de estranhamento que pode durar segundos de dúvidas sobre o que está acontecendo. cremos nestes segundos como um choque na cabeça do passante, elemento crucial para nos tirar da órbita mundana, do lugar comum, do estado de segurança onde eu olho e já codifico o que está acontecendo. Para nós, quanto mais durar esta indecisão na cabeça das pessoas, mais neurônios estaremos atingindo. Isso pode ser atingido com um som diferente que a arte mostra, figuras fora dos padrões cotidianos, roupas que possam confundir os olhares, seres que chocam, incomodam, com palavras ou ações. Um roteiro que chame a atenção do passante, para que mergulhe neste momento de estranhamento real para o seu dia.

Na rua não temos espectador e ator, temos um espaço ocupado por dois grupos de pessoas que aceitam a possibilidade de ser ouvinte e o outro de ser o falante. A rua é onde o ser humano consegue codificar o jogo teatral, ou uma interferência artística com mais velocidade. Estamos na rua para ajudar a atualizar o “sistema” de muita gente, não para mudar. Não podemos ser tão pretensiosos. Sabemos que as atualizações que propomos já vêm sendo feitas há milhares de anos, e sabemos que isso é importante.

Estar na rua fazendo arte é tentar destravar ideias ultrapassadas, para que consigamos conectar mais pessoas a um mundo mais tolerante e menos hipócrita.





DESVIA

Texto: Pietra Garcia

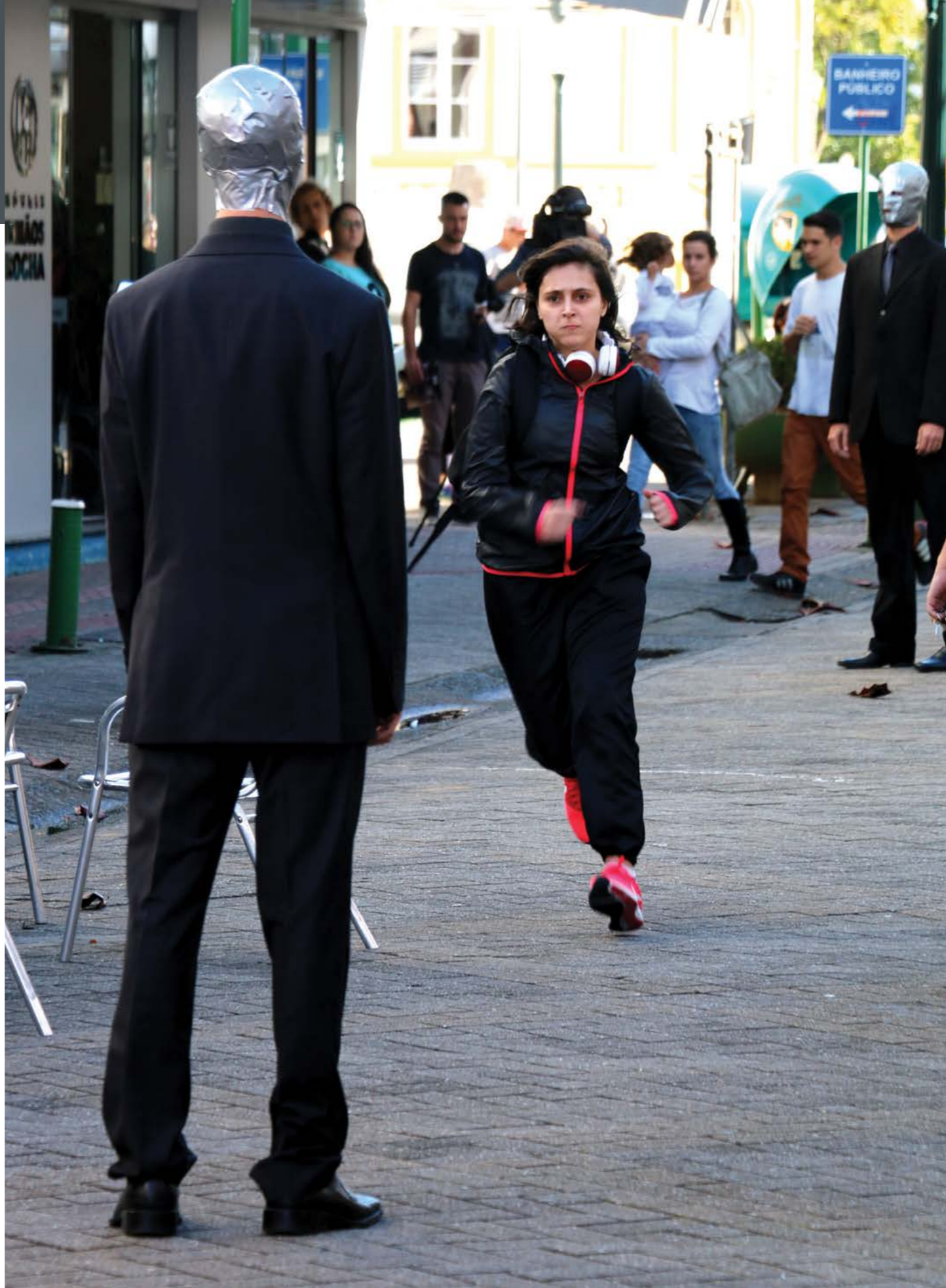
Performance: Pietra Garcia, Mauro Filho e Leandro Cardoso
Karma Cia. de Teatro

Desde 2013, quando nos formamos enquanto Karma Cia. de Teatro, buscamos em nosso fazer artístico novos caminhos. Nascemos do teatro, porém, encontramos na intersecção com outras linguagens artísticas nosso lugar de pesquisa. A cada trabalho sentimos também a necessidade de diálogo e de provocação, abordando temas da contemporaneidade e nos dedicando àquilo que nos inquieta.

Quando recebemos o convite para o III Provoações Urbanas estávamos em processo do nosso novo trabalho, a performance Cartografia do Assédio. O convite imediatamente se relacionou com a montagem, que explora a presença do corpo feminino no espaço urbano. Na Cartografia do Assédio, pensamos o lugar do corpo que, apesar de privado, torna-se público ao existir na rua. Foi então a partir dessa pesquisa que nasceu a ação DESVIA, apresentada nesta edição do evento. Ambos os trabalhos levam a direção artística de Renato Turnes da La Vaca Companhia de Artes Cênicas.

DESVIA propôs explorar as ruas de comércio das cidades de Itajaí e Balneário Camboriú, em um diálogo com os elementos desses lugares. No processo de pesquisa, eu, Pietra, colhi depoimentos de diversas mulheres na Rua Hercílio Luz (Itajaí/SC), buscando a partir desse exercício de escuta amplificar as vozes destas sobre suas experiências pessoais de assédio. Enquanto mulher, me colocando também como agente desse levantamento, percebi o quanto a rua é masculina e o quanto está ocupada por homens. Para nós, é angustiante estar em uma rua deserta onde apenas um homem caminha próximo ou quando precisamos passar por um homem sem saber o que ele vai falar ou fazer.

Para exercer o direito de estar na rua, precisamos desviar constantemente do caminho, das palavras e dos olhares masculinos. DESVIA é um exercício de estar em movimento, de ocupar um espaço público que não é democrático de fato, que carrega



violência e misoginia. A ação é também um exercício de entender como o outro reage à violência muitas vezes velada e naturalizada. Sob esta ótica, DESVIA tornou-se o embrião do que viria a ser a performance em si.

Em Cartografia do Assédio, que se moldou e estreou após o III Provoações Urbanas, o foco continuou sendo as relações com o espaço público, porém, explorá-las em conjunto com o espaço íntimo/privado, que aqui assume igual importância. O trabalho em si carrega um discurso feminista, obviamente, com crítica baseada no assédio sexual impostos por homens. O curioso é que mesmo durante a execução da performance ou da ação no evento fomos, eu e as mulheres que participavam do ato, provocadas e assediadas por homens. Isso confirma o quanto o machismo é parte de nossa estrutura social e mesmo quando homens estão expostos diretamente a discursos anti machistas, alguns continuam reforçando comportamentos agressivos, se fechando para o contexto da obra.

Durante a coleta de depoimentos, que foram as bases tanto da “Cartografia” quanto do “DESVIA”, percebi esta estrutura também presente nas mulheres, que por viverem esta realidade de subjugação acabam adotando o discurso dos opressores ou até mesmo encaram as situações de violências diárias com naturalidade. Acredito que discursos assim moldados pelo senso comum, com falas como “eu acho que sou feia, por isso ninguém me assediou”, sejam de igual importância para a composição da obra, pois refletem, infelizmente, parte do pensamento da sociedade brasileira atual e precisam ser confrontados.

“DESVIA” e “Cartografia do Assédio” me permitiram uma aproximação com mulheres diversas, com falas diversas, muito diferentes de mim, um exercício de empatia e trocas constantes. Minha voz enquanto mulher e artista está nesses trabalhos. Minha forma de protesto e militância também estão ali, porém, sem deixar que o propósito principal, que é o cerne de toda essa vontade inicial se percam: o desejo de criar arte.



GARILHANDO

Texto e Performance: Caroline Voltolini e Emanuel Delgado
Circo Pirata Show

A Companhia Circo Pirata é a realização de um sonho em comum dos integrantes: unir o teatro de rua, a estética da pirataria e o circo em uma só pesquisa, possuindo a comicidade como costura dos três eixos principais da Companhia. Em seu repertório e trajetória contamos com pesquisas em equilíbrio, através de aparelhos como monociclo, perna de pau, corda bamba e técnicas acrobáticas de solo, em malabarismo com jogos de claves, bolas de rebote, manipulação de objetos, contato, pirofagia, jogo de facas e mágica com técnicas de ilusionismo, mentalismo e estátuas flutuantes. O que move os artistas da Cia. é o desafio de trabalhar as técnicas circenses através de uma linguagem que remonta a pirataria e dialogue com os espaços públicos.

A PERFORMANCE

Quando fomos provocados pelo Eranos - levar para as ruas uma performance onde estivéssemos

diluidos com as personas urbanas, ou seja, descaracterizados dos nossos personagens - ficamos surpresos, contentes e ansiosos em poder fazer parte de um projeto tão grandioso, sensível e transformador como é o Provocações Urbanas.

Esse lugar move estruturas. Nada mais é convencional. O artista é impulsionado a criar, sair da zona de conforto, andar pelo desconhecido e buscar novas possibilidades.

Nós dialogamos muito com o espaço urbano e desde o início sabíamos que era ali que gostaríamos de estar. Para a ação, pensamos em utilizar uma figura cotidiana das ruas que sofresse algum tipo de preconceito. Nossa escolha foi o gari. A partir disso começamos a observação diária destes trabalhadores nas duas cidades, - tão próximas e tão diferentes - Itajaí e Balneário Camboriú.

De início já vimos que não seria tão fácil quanto imaginávamos. Em Balneário Camboriú, fomos até a empresa responsável pela limpeza das ruas da cidade, munidos de ofício, para que nos emprestassem os materiais que os garis utilizam. Não nos cederam e tampouco se mostraram felizes com a escolha do tema. Entendemos que não era importante para a empresa que ressaltássemos a figura do gari.

Descobrimos um amigo que já havia feito essa experimentação de teatro e gari, o "Gari Garibalde", personagem criado e interpretado pelo ator Eduardo Heil da Hora, o qual nos apoiou e nos cedeu o uniforme completo.

A partir desta descoberta, ficamos ainda mais motivados a trabalhar com a questão da invisibilidade dessas pessoas tão importantes, que trabalham diariamente em situações tão desfavoráveis, como na chuva ou almoçando em cima de plásticos esticados.

Quando fomos para a rua, já como garis, nosso olhar sobre o mundo já era completamente outro. Já não estávamos mais como artistas e essa sensação foi muito preciosa.

Em Itajaí, [durante a apresentação] no Calçadão da Hercílio Luz, era exatamente o horário do lanche. Fomos carinhosamente recebidos por um grupo de mulheres garis que tomavam café na mesa de uma lanchonete. Dentro de poucos instantes fomos acolhidos pelo grupo. Eram pessoas humildes, que compartilhavam o pouco que possuíam e contavam histórias das quais todas riam, apesar de seus rostos e mãos calejados.

Já em Balneário Camboriú, passamos despercebidos, mesmo estando com uniformes de cor vibrante como o laranja. Eramos invisíveis.

Mas de repente, quando o gari pega a vassoura e equilibra no nariz, ou faz segunda altura para limpar uma luminária, a cena muda, e o gari ganha foco. Ele é então percebido, no espaço que sempre esteve, na rua que sempre anda.

Após concluir a performance, ficou ainda mais evidente nosso papel social de estar e levar nossas criações, nossa arte, e nossas loucuras para o espaço público, pois acreditamos que o artista tem de ir aonde o povo está.

Se for assim, assim será.





FALHAR EM PÚBLICO

Texto e Performance: Osmar Domingos
Diretor teatral e artista visual

O Eranos Círculo de Arte me convidou para participar do 3º Provoações Urbanas e me fez a seguinte provocação: que eu levasse para as ruas um trabalho afirmativo, um Sim para as composições propostas. A provocação faz sentido a partir do que eu faço - ver em cargocollective.com/osmardomingos e [@os_domingos](https://www.instagram.com/os_domingos) no instagram, meu ateliê - tem como princípio fundamental a negação dos enredos das peças de teatro que uso como hiperlinks para os vídeos, instalações, performances (e mesmo peças de teatro e mais recentemente softwares) que crio.

Não me interessa montar para rua uma peça de teatro tal qual imagino que seria uma afirmação: obedecendo enredo, compondo personagens, seguindo lógicas dramáticas. Talvez esse nem fosse a provocação, mas o fato é que esse tipo de coisa, para citar o que Barthes diz em relação à fotografia, não me punge mais. O que eu queria mesmo era usar o convite para pensar em duas coisas: performance e rua. Os trabalhos seriam pensamentos sobre porque acredito que a arte já superou há muito a necessidade de ser um produto, podendo ser um projeto de pensamento, inclusive uma falha.

No que diz respeito à performance, já vinha pensando em duas iconografias que em momentos se aproximam e em outros se distanciam. A que tenho pensado como corpo-indivíduo tem a ver com a manipulação do próprio corpo do artista, geralmente nu, seja pintando, ornando, costurando, cortando, gesticulando, dançando, essa mais visual e visceral, que se traçassemos um retorno longo à história da arte poderíamos relacionar com a pintura e a escultura; esse corpo ao agir sobre si age sobre o corpo social, de forma rizomática, mas a outra iconografia sobre a qual venho pensando, a do corpo-social, toma o social e o político como tema. Assume por vezes um lugar de palestra, de fala de artista, texto, publicação, sua ação é o discurso - ou diálogo - aqui o corpo, geralmente vestido, propõe narrativas e reflexões

sobre temas maiores que o corpo de um, mas claro que o afetam.

Com a pressão da divulgação do evento e a necessidade de um nome para o trabalho, acabei decidindo por um generalista mas que se mostrou potente para o que eu estava pensando: Ato Público, que seria dividido em três partes, Purgatório, Inferno e Paraíso.

A parte I do Ato Público, Purgatório, aconteceu em Itajaí. Nele eu anunciava num microfone fases sobre as quais um homem-em-purgação estaria passando, me amarrando em balões de gás hélio, fazendo malabares com ovos, me pixando com tinta vermelha. Depois no microfone dizia uma frase associada com o filósofo do fluxo, Heráclito, "todos os homens deveriam ser mortos e as crianças então governariam". Me deitei no chão e passei por um longo tempo a anunciar como seria um mundo governado por crianças. Por mais que a intenção fosse estudar a iconografia citada do corpo-indivíduo, a narrativa fez do trabalho um híbrido com a outra, pelo discurso.

A segunda parte do Ato Público, Inferno, aconteceu em Balneário Camboriú. Nela falei de dois infernos, um fictício e outro brutalmente real. Primeiro contei o mito de Orfeu que usa o "dom" da música para ir até o inferno de Hades resgatar Eurídice. Depois passei a ler matérias que falavam sobre esse outro inferno, as manifestações neonazistas nos Estados Unidos e o crescente conservadorismo e os discursos de ódio que surgem com isso. Não creio que tenha sido ouvido. Falha. Minha: por não ter um microfone. Social: porque a noção de empatia com a alteridade vem se esvaziando numa cidade extremamente cosmopolita edificada para não ouvir sobre problemas. Nessa performance me aproximei da iconografia do corpo-social.

O terceiro e último Ato Público, Paraíso, acontece online e tem a ver com outro lugar até recente da performance, usar a internet como espaço de performance. Para isso proponho que acessem por



meio desses códigos QR (1) uma parte de um artigo que traduzi sobre a necessidade de criação de memes políticos; e (2) uma página no facebook que pode ser usada como banco de dados para imagens que podem se tornar.

Disse que com os trabalhos estava pensando sobre performance mas também disse que pensava a rua. Particularmente, mesmo com tentativas de investida artística anteriores, ela constantemente segue como não-lugar, um entre espaços de onde venho e para onde vou, com fones de ouvido para que ela me afete mais do que permito. Por isso devo confessar que não queria contaminá-la com intenções poéticas/estéticas. A rua não é só o não-lugar dito pelos estudiosos, que precisa ser significado, ela é o espaço público – ainda que vigiado e controlado - da comunidade. As pessoas que formam essas comunidades têm imaginários sobre esse espaço, que se cruzam, dialogam, se fazem evidente ou não.

É discurso comum nas artes que a rua precisa de acontecimentos estéticos para que seja ressignificada de não-lugar para lugar, de trânsito apressado para vislumbamento poético e político demorado que interfira nos transeuntes e por conseguinte na rua. Chamo Paraíso o último ato da trilogia porque ele é o único que não é uma falha, não tenta afirmar, mas propõe que os ocupantes desse espaço público que é a internet – do mesmo modo que o físico, com certo controle e vigia - produzam imagens e as façam circular, orientados ou não pelo texto que traduzi.

A arte já é um disparador que permite que cada indivíduo que tome contato com ela produza experiências particulares. Mas acredito que seja a hora de deixar espaço para a fala desse público, sobretudo nos espaços que são definidos pela própria ideia de público.

(1)



(2)



INSTANTES DE PASSAGEM

INSTANTES DE PASSAGEM, é um conjunto de seis caixas de teatro lambe-lambe que trata do momento de passagem da vida para a morte. Esse momento íntimo e peculiar do último suspiro, em que a vida orgânica cessa. Cada caixa do sexteto traz uma abordagem diferente e particular para este tema universal.

Este sexteto lambe-lambe foi desenvolvido através do prêmio Ibero-Americano de co-produção de espetáculos - Iberescena 2017 – e foi constituído pelos grupos Gabriela Clavo y Canela (Argentina), Cia Mestre Lunas (Chile) e Eranos Círculo de Arte (Brasil).

Realizou suas apresentações de estreia no evento Provocações Urbanas em Itajaí no Calçadão Hercílio Luz e em Balneário Camboriú na Praça da Cultura. Além destas apresentações, como parte da temporada de estreia também realizou apresentação em Navegantes na Praça Nossa Sra. dos Navegantes.

O conjunto de caixeiros/ criadores é formado por: Claudia Rojas Lara (Cia Mestre Lunas) com **El Dia del Loto Blanco**, Gabriela Céspedes (Gabriela

Clavo y Canela) com **Gato Negro**, Luciano Bugmann (Cia MestreLunas), representado no evento por Jair Júnior com **Helena y Yo**, João Freitas (Eranos Círculo de Arte) com **A Janela Azul**, Sandra Coelho (Eranos Círculo de Arte) com **Therése** e Leandro Maman (Eranos Círculo de Arte) com **A Visita**.

Nas páginas seguintes, os caixeiros do sexteto deixam algumas impressões sobre o processo de criação de suas narrativas pessoais em teatro lambe-lambe.



GATO NEGRO: PREGUNTAS SOBRE LA MUERTE

Gabriela Céspedes (Gabriela Clavo y Canela)

¿Qué es la muerte? Esa fue la primera pregunta que me hice cuando me invitaron a participar del proyecto “Instantes de Passagem”. Un trabajo que tuvo un proceso de más de seis meses, dónde tuve que encontrarme con pensamientos sobre la muerte, un tema que esquivamos a la hora de hablar profundamente.



Cuando comencé a trabajar con esta idea de caja, reflexione sobre la visión que tenía yo de la muerte. Y fue ahí que me di cuenta que hablar de ella, me asustaba, que era territorio desconocido, que por más que investigara sobre las teorías y religiones que hablaban de ella, para mí seguía siendo un momento oscuro... y eso no me gustaba. Entonces volví a preguntarme ¿cuál era mi intención de contar una historia tan íntima dentro de una caja?

Seguí leyendo y charlando con amigxs, así encontré textos del Guaira Castilla y de Shakespeare, aparecieron una mujer anciana, mi gata, el cielo, los deseos, los sueños, personas llorando tristemente.

Mi mirada sobre “la parca” seguía siendo terrible: “una mujer que moría deseando algo que miraba desde una ventana, la lloraban; y sólo después de su muerte, ella podía cumplir esos sueños. Un gato negro la acompañaba en todo su tránsito”. Esa idea, con los días se iría transformando.

Llegue a Itajaí, ciudad con tantas curvas como el río que corre junto a ella, pero con una sola

salida al mar, que se conjugó con el encuentro de compañeros y compañeras para el trabajo, donde los engranajes del arte y mi nuevo hogar por treinta días, se pusieron en funcionamiento.

La primera y segunda pregunta tomaron otro curso, cuando Leandro, el director del proyecto preguntó: ¿Alguna vez pensaste como sería tu muerte? Entonces me di la libertad de pensar en una forma de ver cómo es la vida y cómo es la muerte, en ese pequeño pasaje. Comenzó la transmutación de la caja: el personaje que estaba ahí adentro era yo y desarrollé cómo me gustaría morir y cómo sería ese instante: la muerte... ¿Un sueño o una realidad? A veces soñamos que morimos. Y una vez que morimos... ¿Soñáremos?...

Y ahí terminó de nacer GATO NEGRO, con ventanas y mecanismos diseñados desde el principio pero que fueron tomando más sentido. Ventanas que se multiplican, ventanas de mi alma y del alma del espectador. Un gato que acompaña, que vive y te mira a los ojos. Pasillos que llevan al final y al principio.

Un pequeño teatro, que nació entre risas y llantos, entre suspiros y encuentros, entre el amor y la muerte... como dijo un espectador: “morir para poder nacer de nuevo”.

A VISITA INESPERADA

Leandro Maman (Eranos Círculo de Arte)

Quando criei a caixa “A Visita” em 2011, durante uma oficina com a Cia. Andante, jamais imaginei que a cena desenvolvida me visitaria anos depois. Na caixa, um homem no hospital sobrevive com o auxílio de máquinas e o bipe dá o tom da cena no quarto branco. O homem deitado na cama recebe sua última visita, que testemunhará o preciso instante de sua passagem para a morte. A caixa, trazia a inovação do uso de mini-projetor digital em teatro lambe-lambe, e em sua primeira versão tinha quase 2 metros de largura, pois precisava de distância para o projetor gerar a imagem do tamanho necessário. Para conseguir manipular os bonecos-objetos, usava uma grande estrutura de ferro, um cabideiro de loja, que envolvido em panos protegia da luz. A cama era uma caixinha de papelão, e os adereços pedaços de papel Paraná

cortado. A caixa realizou algumas apresentações e acabou aposentada, com planos de ser reformulada quando houvesse tempo.

Em abril de 2016 meu pai sofreu um derrame e ficou em estado vegetativo. Ao vê-lo no hospital, com sua vida presa ao bipe das máquinas senti como em flashback a cena criada anos antes. A mesmíssima cena de hospital estava ali em minha frente, com os mesmos sons, tendo como protagonista o meu pai. Ele faleceu em setembro de 2016. Essa situação trouxe a urgência de visitar “A Visita”. Mal sabia eu, que o segredo que eu contava com certo distanciamento para uma pessoa por vez em 2011/2012, seria na verdade um relato íntimo presenciado no futuro.

Esta foi a gênese de minha caixa no Projeto Instantes de Passagem, ganhador do prêmio Iberescena de co-produção de espetáculos. Deste projeto, renasceu em 2017 “A Visita”, como uma homenagem, como minha maneira pessoal de “enterrar meus mortos” e manter de uma forma simbólica uma conexão. O projeto da caixa recebeu melhorias técnicas, os bonecos-objetos se mantiveram, mas o cenário foi refeito, a cama de hospital e os objetos de cena foram impressos em impressora 3D, ganhando melhor acabamento. A estrutura da caixa foi reduzida através do uso de espelhos, e o mini-projetor digital alimentado por USB eliminou a necessidade de energia elétrica externa. A parte externa ganhou a roupagem de um hospital, compondo um dos elementos da cidade de Instantes de Passagem.

O teatro lambe-lambe tem uma relação muito peculiar com a rua, pois possui a capacidade de criar ilhas de intimidade em meio à paisagem urbana. Consegue estabelecer uma relação sensível de poucos minutos, fazendo um contraponto à sua relação normalmente utilitária. O que mais me agrada é o caráter de sussurro do teatro lambe-lambe. O segredo é contado a uma pessoa por vez. “O mundo precisa de teatro lambe-lambe como as cidades precisam de bicicletas”, já dizia Ismine Lima uma das criadoras do teatro lambe-lambe. Essa frase pra mim resume bem o sentido cada vez mais urgente desse gênero na rua.

Como característica do nosso grupo, nas

apresentações de lambe-lambe, não chamamos a atenção do público gritando: “Venham ver o teatro lambe-lambe! Venham, venham aqui!”. Mesmo quando as apresentações parecem deslocadas de qualquer evento, e com a impressão de que talvez a plateia não venha. Para mim e para o grupo, acreditamos que não se grita para contar um segredo. A atitude sempre foi de espera, pela pessoa que escolhe mobilizar seu tempo e seu olhar para as caixas mágicas. Para a pessoa que de alguma forma está mobilizada internamente para a troca. E ainda assim, sempre tivemos sessões cheias. Mesmo que



não tenham grandes filas, mas no fim, sempre gera um fluxo de pessoas que vem nos assistir. Que a rua possa sempre ter seu espaço utilitário confrontado por essas pequenas caixas capazes de conter universos sensíveis de troca. Capazes de confidenciar segredos inesperados.

LA MUERTE, UNA PRESENCIA VIVA

Claudia Rojas Lara (Cia Mestre Lunas)

Instantes de Passagem. Un instante de reflexión profunda, un encuentro cara a cara con aquella “presencia misteriosa” que nos habita desde el mismo día en que nacemos: La Muerte. Latente, dormida, viva.

Una vez, caminaba por la playa. Delante de mí iba una madre con su hija pequeña y encontraron una paloma muerta. La niña le preguntó a su madre qué era eso y ella le respondió – acércate, mira: esto es la muerte. Se alejaron conversando, pero yo me detuve y pensé ¿realmente eso es la muerte?,

¿descomposición, fealdad?, ¿cómo una madre le habla así a una niña?. Pensé, a mí me decían que si eras bueno o buena ibas al cielo, si no, al infierno. Pero en realidad, nadie habla ni enseña acerca de este tema. Un tema tabú.

Hace muchos años conocí el teatro Lambe Lambe y el primer espectáculo que vi se llamaba “Noviazgo en el Cementerio” de Luciano Bugmann y ¡sorpresa!, hablaba del amor después de la muerte. Mi pregunta fue: ¿Cómo puede hablar de un tema tan extraordinario en tan solo unos minutos?...



Al poco tiempo pude aprender acerca de este estilo de Teatro de Animación con el cual también pude hablar acerca de este tema tanto a adultos como a niños y niñas, hablar acerca de mi comprensión según ancestrales culturas (la primera: Egipto), naciendo “La Muerte del Faraón”. Proceso que sigue en pie.

Y cuando llega el proyecto “Instantes de Passagem” es que mi investigación personal logra dar un giro invitándome a confrontar mis creencias, experiencias, misticismo y también poniendo en tensión mi escepticismo con algunas interrogantes como ¿qué es la muerte para mí?, ¿un suspiro, un tránsito, un viaje a un lugar desconocido?, ¿qué ocurre en ese mismo instante en que la vida exhala su último hálito?, ¿el alma abandona el cuerpo?, ¿existe un alma habitando nuestro cuerpo?, entre otros cuestionamientos.

Es en ese momento que vino a mí un recuerdo. La experiencia personal de la partida de una amiga

contada en el espectáculo de teatro Lambe Lambe “El día del Loto Blanco” cuya historia muestra que después de esta vida, si hay otra, que los lazos de amor y de amistad permanecen y que a ese paso de un mundo al otro se le llama “Muerte”, una “presencia viva”, lo que me induce a creer que cuando llegue mi momento de experimentarla personalmente, cuando la muerte habite en mí y este cuerpo-mente se extinga, seguiré viva, en algún mundo más sutil.

La experiencia de participar en Instantes de Passagem fue muy simbólica en tanto conllevó un viaje a Brasil para hablar de este “viaje del alma”; salir de los espacios conocidos para hablar de lo desconocido; compartir un trabajo colectivo con los integrantes del sexteto, pero con la atención de cada uno volcada en su propio interior, investigando, creando, construyendo. En un trabajo de reflexión y silencio. Ese mismo silencio que trae consigo La Muerte.

Fue así como Instantes de Passagem me condujo a una dulce muerte en “El día del Loto Blanco”.

O ACONCHEGO FINAL

João Freitas (Eranos Círculo de Arte)

Já coube a muitos pensadores de diferentes áreas das ciências, da filosofia e das artes, a tarefa de procurar um significado para a morte. Muitos desses pensadores sucumbiram ao objeto de suas investigações sem encontrar a resposta que procuravam. Quando resolvemos falar sobre a morte desta forma aberta, sem estar carregando de alguma forma o peso do luto, parece que os esforços, por mais concentrados que sejam, carecem de significado sincero. Ou, no mínimo, seja mera especulação desprovida de objetivos sólidos.

Por isso, talvez, falar sobre a morte e tentar explicá-la seja umas das últimas buscas para a qual obtenhamos respostas concisas. Até o momento conseguimos examinar o mistério insondável do morrer apenas através de terminologia vaga e inconclusiva, usando termos vezes mais científicos como ausência de movimento, ausência de ondas cerebrais; ou termos mais populares como fim, último suspiro, descanso final; ou o ainda as

descrições religiosas como, foi para um lugar melhor, encontrar-se com o criador e/ou, terminou esta jornada.

Na filosofia diz-se que, de certa forma, morremos e renascemos todos os dias. Ou seja, sempre que surge um conflito com algo e o utilizamos para modificar nossas atitudes, gera-se um novo ser. Considera-se o processo de desapego ao antigo como uma pequena morte. Mantemos aquilo que gostamos, que temos apego em nós mesmos, e eliminamos aquela condição que nos gera aversão. Criando e recriando identidades. São as identidades que tentamos preservar, às quais somos realmente apegados, que provocam os nossos maiores sofrimentos e desilusões.

Talvez nada disso explique a morte porque não há um significado único para a morte, mas o oposto: uma morte para cada significado que a humanidade criou.



Esta é a primeira caixa de lambe-lambe que participo da produção desde o início, desde a história até o próprio cenário e mecanismos de encenação dentro da caixinha. Tudo foi uma experiência desafiadora.

Quanto ao tema tratado, também é o primeiro trabalho no qual me envolvo tão diretamente com o assunto da morte. Quando pensamos no assunto de forma pessoal não desconfiamos dos buracos que possuímos em nossas opiniões, que só aparecem no momento em que tentamos explicá-las para os outros.

Levar para as ruas o diálogo sobre um tema que

para a maioria das pessoas é tão incómodo, em si, já despertava em mim uma curiosidade.

Em “A Janela Azul” busquei o contexto da morte a partir do vazio criado dentro daqueles que ficam. O vazio que não é mais preenchido, nem por fotos, nem por objetos, nem lugares, nem por um abraço de conforto. Busquei trazer a face da sedução do voyeurismo mórbido, colocando os sentimentos de luto e curiosidade em conflito, daqueles que vem apenas para presenciar o trauma de alguém. Busquei mostrar que o passar do tempo é o único remédio para quem enfrenta esta dor e o aconchego final é presenciar o nascimento daquilo que virá após o nosso fim.

ORDEN Y CONEXIÓN

LUCIANO BUGMANN (CIA MESTRELUNAS)

“El hombre que no percibe el drama de su propio fin no está en la normalidad sino en la patología, y tendría que tenderse en la camilla y dejarse curar.”

Carl Gustav Jung

Indagar lo que nos aguarda después de la muerte es para mí un tema interesante: El término de una existencia consciente.

Creo que cambiamos de materia consciente para una nueva energía. Admito que este argumento pudiera proporcionar una aceptación de la afirmativa que reza existir vida después de la muerte. No lo creo. Nada más este cuerpo se descompone, emite nuevos gases y nueva materia descomponible. Todo eso se mistura al medio ambiente y no incide, mas allá de las contaminaciones netamente biológicas, en las nuevas conformaciones de vida.

Los cuerpos son lo que expresan, resultado del contacto con otros cuerpos, conexiones que hacen de encuentros inéditos, algo eterno.

La creación de seis espectáculos orientados bajo una idea colectiva; ¿cómo entendemos la muerte?, provoca una rica investigación y organización de ideas individuales, vista a una intervención urbana que pretende una reflexión sobre la existencia. Fue una linda instancia de intercambio, formativa y contextualizada en un proceso de creación en Teatro Lambe Lambe. La proposición de Eranos Círculo de

Arte nos permitió generar nuevos saberes, muchas nuevas formas de entender de estos ladrillos que necesitamos para la construcción de este universo de posibilidades y sueños que es el Teatro de Animación Lambe Lambe. Pudimos problematizar la creación. Mañana, tarde y noche cuestionando y defendiendo ideas; nuevas u obvias, técnicas de confección, manipulación, colores, música e iluminación. La idea de teatro no puede prescindir la necesidad de una inquietud o conflicto. Esta búsqueda nos empujó a repensar lo que sabíamos y como abordamos estos saberes para encontrar un nuevo y particular punto de inflexión para estas ideas.

El orden y la conexión de las ideas es lo mismo que el orden y la conexión de las cosas.”

Baruch Spinoza

Helena, ¿Y yo? Inspirada en la muerte de mi abuela materna; la más presente en mi desarrollo.

Encontré en una interrogante una gran oportunidad de empezar esta discusión provocativa sobre la muerte. Parto de una supuesta sensación de egoísmo que sentimos al confrontar nuestra existencia con la finitud. Indagamos como estará él? pero nada mas pensando en ¿Cómo me va ir a mi? Que pasara conmigo? Como será cuando sea yo el despedido?



Bajo la dirección de Leandro encuentro un universo de provocaciones muy efectivas. Interrogantes contundentes. Nuestra respuesta parte por intentar hacer el espectador reflexionar sobre su propia existencia junto conmigo, autor/manipulador/provocador. Mostrándole mi historia, mi punto de vista y él dentro de mi historia. Trato de retratar

poesía. Busco plasmar una atmosfera sublime que perdure la existencia material de encuentro del espectador con el creador y la obra. El pasaje es algo deleitable:

“Cuando nuestra trayectoria termina uno se enfrenta a sí mismo, a lo que ha sido y se entrega. El pasaje hacia este lugar desconocido será novedoso, placentero y alucinante. Para todos.” Helena, ¿Y yo?

Therése

Sandra Coelho (Eranos Círculo de Arte)

Therése é minha segunda caixa de teatro lambe-lambe e narra os últimos momentos de vida da minha mãe, que nos deixou no inverno de 2016. Na primeira caixa ‘Perséfone’ que faz parte de uma trilogia chamada Mistérios de Elêusis, trabalhei com bonecos de vara e projeção digital para contar parte do mito de Perséfone. Nesta segunda caixa procurei elementos que dialogassem com a realidade da aproximação da morte da minha mãe vividos por mim e minha família. Os últimos dias foram muito intensos, arrastados e doloridos. Tudo aconteceu na casa dos meus pais, mais especificamente entre o quarto e a sala de estar. Escolhi como cenário principal da minha caixa, a sala, pois foi o lugar onde minha mãe ficou e recebeu as últimas pessoas, fez as pequenas e últimas refeições, falou poucas e incompreensíveis palavras, movimentou demoradamente seu



corpo agora tão pequeno e frágil. Também foi ali que meu pai, mais do que qualquer outra pessoa acompanhou sua agonia e foi amparo, da maneira mais amorosa possível. Foi na sala também que ela reconheceu parte da sua história através dos objetos que a cercavam, os contemplou, os organizou.

Para Therése, me apropriei de materiais de uso hospitalar para construir o boneco principal (minha mãe) e parte do cenário. Para os demais elementos busquei referência em objetos de uso doméstico e algumas coisas da minha mãe. Na construção da narrativa me pareceu apropriado, ao invés de acrescentar conteúdo, deixar o mínimo possível.

Assim me pareceu a morte quando a vi de perto: um momento de desacelerar, diminuir, encolher, demorar o olhar, cessar.

Finalizar uma caixa de teatro lambe-lambe em um mês, que foi o tempo presencial que tínhamos dentro do projeto, foi uma tarefa muito difícil. Ainda mais difícil foi falar da morte da minha mãe, reviver os últimos momentos.

De alguma maneira Therése dá sequência a história da minha primeira caixa onde Perséfone e Deméter se separam. Therése finaliza o mito. Porém, sem o reencontro entre mãe e filha.

POR ONDE ANDEI

Texto e Performance: Leandro Maman
Eranos Círculo de Arte

Por Onde Andei é uma performance que dá continuidade a pesquisa de ações em meio urbano com foco na construção de uma imagem. Em Por Onde Andei posicionei enfileirados no chão dez blocos de grama esmeralda. Descalço me mobilizo com o princípio de que só posso caminhar sobre a grama, que meus pés não podem pisar o cimento, calçada ou asfalto. O último bloco é movido até a frente do primeiro, permitindo a lenta movimentação pelo espaço. Ando quatro metros, levanto e me abaixou duas vezes para poder me mover vinte centímetros. Ao ser indagado, minha prerrogativa é explicar que estou caminhando, é assim que caminho. Dentro dessa lógica, apesar do esforço repetitivo cansativo de abaixar e levantar, minha proposta foi de manter a fisicalidade de um passeio, de um movimento cotidiano.

A ação foi realizada em Itajaí e em Balneário Camboriú no evento Provocações Urbanas. Em Itajaí no calçadão da Hercílio Luz, iniciando próximo à praça da “Igrejinha” e finalizando na grama do Museu Histórico, com 1h35min de duração. Em Balneário Camboriú iniciou na Avenida Brasil, atravessou todo calçadão da Central e terminou atravessando a Atlântica em direção ao mar, com 2h20min de duração. Em cada Cidade a ação se desenvolveu com características diferentes.

Em Itajaí ocorreu com tempo bom, as 15h iniciei a jornada, caminhando em linha reta alternando os blocos de grama. A linha reta foi quebrada pela primeira vez com a presença de um carro do Correios, amarelo adesivado com sedex. Buzinou, parou o carro e me levou a um desvio. Enfileirei um desvio para a direita liberando o caminho para o carro, que teve que esperar o meu tempo de caminhada para seguir adiante. Só andou quando deixou de existir grama na passagem dos pneus. Uma pausa inesperada no trabalho de entregas. A linha reta de grama ainda encontrou em seu caminho o carro forte do banco, esse um pouco mais impaciente, quase atropelando a grama, e um carro de polícia. Aos 40 minutos de performance

e ainda na primeira quadra, já cansado mas me “esforçando” em não demonstrar o cansaço para manter o passo cotidiano, me preparo para atravessar a primeira rua. Nesse momento o inesperado acontece. Quatro pessoas que estavam passando, param seus destinos para observar a ação. Perguntam do que se trata. Respondo. Observam por um tempo. Então oferecem ajuda. Três deles ajudam e começam a transpor a grama pra frente. Aviso que podem pisar na grama se quiserem, mas somente descalços. Não tiram o calçado, mas repetem o movimento de trazer a última grama para frente, andando ao redor do caminho de grama, me ajudando em minha ação. Apenas eu caminho sobre a grama, mas com a ajuda de mais três pessoas a estrada de grama se move no espaço mais rapidamente, com o triplo de velocidade de caminhada.

Em meio a jornada um transeunte grita uma frase grosseira sobre a performance. As pessoas que estavam me ajudando respondem, convidando esta pessoa para vir ajudar. Esse alguém responde que ajudaria se fosse algo importante, que fizesse diferença. Inicia-se uma breve discussão sobre o que é importante. Fico atento e mantenho minha ação sem participar da discussão. Jair Júnior, artista da cidade, que eu já conhecia de uma oficina que fizemos juntos, observa a performance e se junta para ajudar. Depois uma moça, jovem desconhecida também se une ao grupo. Agora são 5 pessoas ajudando a mover o caminho de grama. Me acompanham até o fim. A performance termina com o caminho de grama desembocando na grama ao redor do museu, na outra ponta da rua Hercílio Luz. Graças à ajuda de 5 desconhecidos a jornada de atravessar todo o calçadão apenas pisando na grama foi possível no tempo que aconteceu. Do contrário o tempo teria sido muito superior.

Em Balneário Camboriú a jornada recebeu características bem distintas, principalmente por conta da chuva insistente. Chovia e parava





de chover o tempo todo. A calçada úmida em contato com a terra vermelha dos blocos de grama passou a criar um rastro muito mais visível do que o deixado em Itajaí. Um vermelho argila revelava o passado recente da ação que começou na Avenida Brasil, e seguiu descendo o calçadão da Central até a praia. Em meio a ação pessoas faziam perguntas, ou registravam pelo celular. A chuva aumentou a umidade da grama, e meu terno passou a ter tons de vermelho também. Aumentou o peso da grama, tornando a performance mais cansativa. Alguém que via a ação veio me oferecer cerveja gelada para refrescar. Alguns garis vieram cumprimentar, parabenizar. Em Balneário Camboriú, a ação seguiu seu curso solitária. Talvez em consequência da chuva, ou da argila. Após quase duas horas de jornada, e chegando perto da Av. Atlântica, exausto, lutando para manter a caminhada em um tom cotidiano, fui abordado por um casal de guarda-chuva que percebi rodeando a ação.

- Porque você está fazendo isso?
- Estou caminhando, é assim que caminho.
- Ah, achei que fosse algo mais importante, porque você está sujando a rua, uns garis ali atrás estavam reclamando.
- O que é sujeira, o asfalto ou a terra?
- Você não faria isso na tua casa né?
- A terra é minha casa.



O casal, que aparentava de meia idade parou de falar, e ficou me olhando, me fitando com um olhar estranho. Eu segui a ação, com o sangue mais quente pelo teor da conversa. Com uma motivação que vinha de dentro e rompia o cansaço. Chequei à faixa de pedestres que atravessava a Av. Atlântica. Dessa vez estava sozinho para atravessar a rua. Dois transeuntes esperavam com seus celulares em meio a chuva para registrar o momento da travessia. Chovia. Segui meu caminho ignorando o fluxo de carros que foi obrigado a parar mesmo com sinal verde. Foram cerca de três ciclos de semáforo para que eu pudesse completar o percurso pela faixa de pedestres e atravessar a avenida. Alguns carros não puderam esperar e passavam por cima da grama. Outros respeitavam o tempo da ação, ou

mudavam de faixa desviando. Cheguei na calçada e conduzi a grama até poder pisar na areia da praia. Terminei deitado no mar.

O diálogo com o casal me fez pensar sobre a falta de simbolismo no olhar e no coração de algumas pessoas e qual o lugar da poesia em tempos de concreto. Pra mim, pisar somente na grama, me remeteu a busca de um estado de pureza. Da dificuldade de seguir os próprios princípios, de

sair do padrão social preconizado pelo asfalto. A frieza. A falta de cor. A falta de vida. Mobilizar a grama pelo espaço e deixar seu rastro vermelho argila trouxe conotações muito fortes de vida. Do rompimento com o utilitário, com o eficiente, com o que entretém e distrai, para a necessidade de seguir os princípios internos que para mim, é o que realmente faz sentido.

EXPEDIENTE

A Revista PROVOCAÇÕES URBANAS é uma publicação de registro do evento Provoações Urbanas promovido pelo Eranos Círculo de Arte. As opiniões expressas nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores. A publicação de artigos, fotos e desenhos, foi autorizada pelos responsáveis e seus representantes.

Revista PROVOCAÇÕES URBANAS | N ° 3 - 2017
ISSN 2447-2565

Editoração: Sandra Coelho e Leandro Maman
Diagramação: Leandro Maman
Revisão: João Freitas e Sandra Coelho

Textos: Sandra Coelho, Luan Marques Joaquim, Pietra Garcia, Caroline Voltolini e Emanuel Delgado, Osmar Domingos, Gabriela Céspedes, Claudia Rojas Lara, Luciano Bugmann, João Freitas e Leandro Maman.

Fotografias:

João Freitas págs 02, 07, 08, 09, 20, 36 inf., 37 inf. e 38;
Leandro Maman capa, págs 11, 12, 14, 16, 17, 18 e 21;
Sandra Coelho págs 23, 25sup. esq., 35, 36sup. e 37sup.;
Camila Gonçalves, pág 26.

Distribuição gratuita.

Eranos Círculo de Arte
www.eranos.com.br
47 99975.7270 | 99924.8581
eranos.arte@gmail.com
Itajaí - SC



ISSN 2447256-5



9 772447 256005

patrocínio

Fundação Cultural de
Balneário Camboriú

